



Cabelos de Natal

Minguém sabia ao certo quando o Natal começara a morar dentro da Matilde. Talvez tenha sido no dia em que ela ofereceu o seu cachecol a um sem-abrigo, ou quando ajudou um amigo a sorrir outra vez.

O certo é que, desde então, parecia trazer uma luzinha por dentro, que nunca se apagava.

Do que a Matilde mais gostava era ver as pessoas contentes. Ajudava o avô a pendurar a roupa no estendal, fazia bolachas para os vizinhos e escrevia cartões cheios de palavras boas para quem andava mais triste.

Tinha um jeito simples e discreto de espalhar alegria, e o seu coração parecia ter sempre uma pequena chama acesa — uma vontade de tornar o mundo um bocadinho mais bonito.

Certa manhã de dezembro, a Matilde acordou com uma sensação estranha — como se o travesseiro estivesse mais fofinho... ou o seu cabelo, mais pesado do que o costume. Espreguiçou-se devagarinho, bocejou com um som de gatinho sonolento e arrastou-se até ao espelho.

Quando se viu, ficou completamente imóvel. Depois, abriu muito os olhos. E, em seguida — *oh!* —, deixou escapar um riso de espanto.

O seu cabelo transformara-se numa autêntica árvore de Natal!

Entre os caracóis, despontavam pequenos ramos verdes e fitas vermelhas, estrelas de papel dourado, e bolinhas brilhantes que cintilavam à luz da manhã. De cada movimento nascia um reflexo novo, como se o sol estivesse a brincar com ela. E o ar à volta cheirava a pinho fresco e a canela quente, como se a cozinha da avó tivesse decidido mudar-se para o seu quarto.



A mãe tapou a boca de espanto.

— Oh, Matilde! O que é que aconteceu ao teu cabelo?

O pai piscou-lhe o olho e disse a rir:

— Parece que o Natal decidiu mesmo morar na tua cabeça!

Mas a Matilde não se assustou. Passou os dedos pelos ramos, pensou um instante e respondeu:

— Se calhar, o Natal gosta tanto de mim como eu gosto dele...

Durante toda a semana, onde quer que fosse, levava consigo um bocadinho de festa. As pessoas na rua paravam para olhar, riam-se e acenavam-lhe, encantadas. Mas não era só por causa do cabelo cheio de cores — era por causa dela. Perto da Matilde, o ar parecia mais leve, e as pessoas sorriam com mais facilidade. Havia

qualquer coisa nela — uma alegria calma, uma ternura quente — que fazia o dia parecer mais luminoso.

Ma escola, os colegas ficaram deliciados. Quiseram ajudar a enfeitar o cabelo com estrelinhas de papel, pompons e laços coloridos feitos nas aulas de trabalhos manuais. A Matilde ria-se tanto que as fitas tremelicavam como se dançassem.

Mas do que os colegas mais gostavam nela não era o cabelo mágico — era o modo como tratava toda a gente. Ajudava o Tiago, que era mais tímido, a encontrar o seu lugar nas brincadeiras. Partilhava o lanche com a Sofia quando ela se esquecia do seu. E nunca se esquecia de elogiar os desenhos do Gonçalo, um menino com necessidades especiais, mesmo quando ele borratava as cores.

Era por isso que, quando ela passava, a sala parecia encher-se de calor — como se cada gesto seu acendesse uma pequena luz.

No fundo, a Matilde sabia que a magia não estava nos enfeites. Estava no que sentia por dentro — naquela vontade de partilhar, de ajudar e de fazer sorrir. Era isso que fazia o seu cabelo brilhar de um modo especial.

Cuando chegou o dia da festa de Natal, a escola estava em grande animação. Havia cheiro de bolos de mel, vozes e gargalhadas, e brilhos de papel dourado pendurados nas portas.

A Matilde ajudava por todo o lado: a colocar pratos na mesa, a distribuir copos de sumo, a ajudar quem se tinha atrapalhado com a decoração. O cabelo-árvore balançava de um lado para o outro, tilintando suavemente como se risse com ela.

Os colegas achavam aquilo o máximo. Alguns diziam que o cabelo da Matilde parecia ter vida própria; outros juravam que ouviam o som de sininhos sempre que ela corria pelo corredor.



Cuando chegou a hora de se reunirem para trocar mensagens e canções, as crianças sentaram-se em roda.

A diretora pediu que cada criança partilhasse um desejo de Natal. Umas falaram de presentes, outras de viagens, outras de ver a neve — até que chegou a vez da Matilde.

Esta ficou em silêncio um instante, a pensar. Depois disse:

— O meu desejo é que o Natal não acabe.

O grupo riu-se, mas ela continuou:

— Não quero dizer o Natal das luzes nem o das prendas. Quero dizer o outro, o que acontece quando as pessoas se ajudam e se lembram umas das outras. Esse devia durar o ano inteiro.

A sala ficou quieta por uns segundos. Depois, alguém começou a bater palmas, e logo todos imitaram. A diretora sorriu comovida e comentou:

— Pois parece que o Natal já encontrou lugar certo para morar!

E assim foi. Naquele dia, houve risos, abraços e um calor suave que ficou no ambiente, mesmo depois de a festa acabar.

E, no coração de Matilde, o Natal permaneceu, como um segredo que tornava o mundo à sua volta mais bonito e mais alegre.



Cabelos de Natal

1. Quem era Matilde?
2. O que é que ela mais gostava de fazer?
3. Enumera algumas atitudes gentis que a Matilde tinha com as pessoas à sua volta.
4. Como se sentiu ela ao acordar, numa certa manhã de dezembro?
5. Descreve como estava o seu cabelo.
6. O que disseram os pais quando a viram?
7. Como reagiram as pessoas na rua?
8. E os colegas da escola?
9. No entanto, o mais importante para todos não eram os enfeites do cabelo, mas o que sentiam quando estavam perto da Matilde. Concordas com esta afirmação? Justifica, transcrevendo algumas passagens da história.
10. O que é que a Matilde desejou quando chegou a sua vez de falar na festa de Natal?
11. O que quis a menina dizer com “o outro Natal”?
12. E para ti, onde se encontra o verdadeiro espírito de Natal? Nos presentes e nos enfeites ou nos gestos de atenção e bondade... que não têm necessidade alguma de esperar pelo Natal? Justifica a tua opinião.